

Madeira



Nevões ameaçam plantações novas dos 'Amigos do Parque Ecológico'. FOTO ARQUIVO/JOANA SOUSA

OÁSIS NA MONTANHA



O projecto de plantação nas encostas do Areeiro recebeu, este ano, o apoio do programa Ambiente, da Fundação Calouste Gulbenkian. Com a designação de 'Um oásis no deserto de montanha', todo o trabalho desenvolvido pela Associação 'Amigos do Parque Ecológico' é, neste momento, fiscalizada pela Fundação Gulbenkian. A mesma que, dos 118 projectos apresentados, apenas aprovou uma dúzia e, entre eles, o da associação. Raimundo Quintal vê nesta decisão mais uma prova de que as plantações feitas ao longo destes sete anos fazem sentido, são acertadas e irão dar frutos. "Quando começámos dissemos que era um projecto a 20 anos, o tempo para cobrir as encostas do Areeiro e mostrar que é possível florestar toda a cordilheira central da Madeira". Neste esforço, além do apoio da Fundação, os 'Amigos do Parque Ecológico' recebem também o ajuda da Direcção Regional de Florestas. Este organismo entregou milhares de plantas à associação, na verdade, o grosso do que foi plantado, embora tenham sido feitas doações de particulares. "Este projecto começou há sete anos, não se pode esperar que chegue para contrariar 500 anos de colonização, de destruição".

Neve e bruxaria destroem plantações no Areeiro

PARTE DAS PLANTAÇÕES DOS 'AMIGOS DO PARQUE ECOLÓGICO' ESTÁ COMPROMETIDA

MARTA CAIRES
mcaires@dnoticias.pt

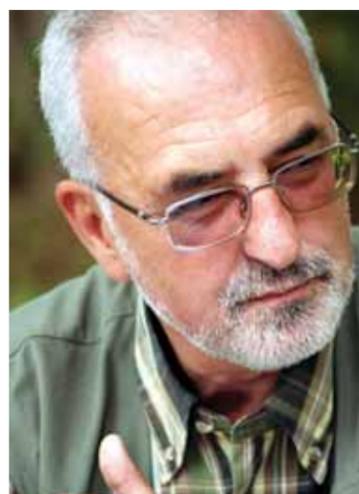
A neve foi o último contratempo para o projecto de florestação dos 'Amigos do Parque Ecológico' no Pico do Areeiro. Uma parte das árvores plantadas foi afectada e não se sabe se irá regenerar na próxima Primavera. Os voluntários da associação não desistem e hoje, apesar das previsões de neve, regressam ao Areeiro. O clima é apenas mais uma dificuldade para quem se debate com lixo espalhado, plantações vandalizadas e até altares de sacrifício de animais e magia.

"Porque tudo isto já encontramos na nossa plantação do Areeiro. Re-

colhemos lixo deixado por quem vai passear, encontramos árvores arrancadas e restos de altares e animais sacrificados. Não sei qual é a intenção, pensam, com certeza, que se vão salvar com estes rituais de magia". Raimundo Quintal, fundador dos 'Amigos do Parque Ecológico', insurge-se contra estas práticas que prejudicam o projecto lançado em 2001.

Ao vandalizar uma planta, deita-se fora esforço, trabalho e adia-se a possibilidade de cobrir com vegetação as zonas mais altas da Madeira. "Este é um processo de paciência, enfrentamos um clima duro. Muito seco durante o Verão, com vento, chuva, frio e neve no Inverno". Em algumas áreas quase não há solo e os voluntários cavaram a rocha para plantar espécies indígenas naquelas encostas desérticas.

"São os voluntários que regam as plantações nos meses de calor, que protegem do vento com pedras e alguns até fornecem as plantas". Raimundo Quintal não lamenta o tem-



po que dedica às plantações, os efeitos estão à vista, já há mais verde na zona. "É bom que se lembre que este é um projecto a 20 anos". Além disso, em qualquer plantação nova é natural que se perca 30%, o responsável dos 'Amigos do Parque Ecológico' garante que a taxa de insucesso não tem fugido desse número.

Nos últimos anos, no entanto, os nevões prejudicaram as contas. Voltou a acontecer este Outono, após a queda de neve nas serras da Madeira. "Não é garantido de que todas as que estão queimadas estão mortas, às vezes há um processo de regeneração. Uma vez mais, temos que esperar para ver".

Essa é, apesar de tudo, uma dificuldade previsível, o que mais incómoda a associação é o vandalismo, o lixo espalhado, os restos de rituais de magia e a descrença de quem julga que, por algumas plantas estarem mortas, não vale pena a florestação. "Em sete anos já temos cedros da Madeira com um metro de altura. Esta é a prova de que vale a pena".